Library.PressDisplay.com - Valor Economico - 14 Oct 2011 - Page #36 http://library.pressdisplay.com/pressdisplay/services/OnlinePrintHandler...

Crise Estratégia vai na contramão do objetivo dos governos de que setor sustente recuperação

Bancos europeus optam por reduzir ativos em vez de aumentar capital

Patrick Jenkins
Financial Times

Ganha força a percepção de que os bancos pretendem diminuir de tamanho para sair da crise — reduzindo os ativos ponderados pelo risco, o denominador das relações de capital, em vez de aumentar o capital, que é o numerador. Não admira. Essa é uma estratégia em que muitos bancos já embarcaram — especialmente abandonando negócios que exigem muito capital como os financiamentos garantidos por ativos e parte da atividade de negociação de títulos, enquanto tentam se alinhar às novas regras de capital do Acordo da Basileia 3, que está sendo implementado até 2019.

Mas isso também resolve dois novos problemas. Primeiro, a falta de recursos do mercado de bônus para os empréstimos bancários. Segundo, no momento em que os mercados de ações estão fechados, essa é a maneira mais fácil de absorver perdas contábeis no valor de suas posições em dívidas soberanas e cumprir rapidamente o plano emergencial da União Europeia de relações de capital maiores. Cerca de 20% dos compromissos de empréstimos são renovados a cada ano e isso simplesmente pode não acontecer; e os portfólios de ativos, e até mesmo subsidiárias inteiras, também podem ser colocados à venda.

Mas o encolhimento é insuflador, em um momento em que os políticos estão desesperados para que os bancos deem sustentação a uma recuperação econômica. Os banqueiros estão reforçando os sinais de confronto, na esperança de que os planejadores econômicos recuem. Alguns acreditam que o tiro poderá sair pela culatra, com as injeções de capital estatal tornando-se compulsórias.

"Se existe um banco na Europa que poderia levantar capital novo no momento é o Deutsche Bank." Esse é o veredicto do presidente de um banco de investimentos baseado no Reino Unido. Ainda bem — o Deutsche é considerado como tendo o maior déficit de capital potencial (até € 17 bilhões), originado dos novos testes de estresse feitos pelas autoridades reguladoras para avaliar a exposição a dívidas soberanas.

Parte do dinheiro poderá ser levantado por meio de uma colocação de ações junto a fundos soberanos de investimentos mais receptivos, em vez de uma emissão direta de direitos de subscrição de ações, segundo informação de pessoas próximas do banco. O presidente-executivo Josef Ackermann estava decidido ontem a fazer de tudo para evitar a ajuda de capital estatal — que poderá envolver "uma grande redução do balanço".

A diminuição dos volumes de negócios com títulos para economizar capital também reduziria a lucratividade. O Deutsche tem 45 bilhões (US$ 61 bilhões) em ativos "legados", mas vendê-los provavelmente resultaria em perdas de capital. Sair da área de banco de varejo na Espanha ou na Itália também não é interessante sob as avaliações do momento.

Já no caso do Commerzbank, em maio, como parte de um complexo aumento de capital de € 11 bilhões projetado para comprar € 14 bilhões em títulos híbridos que estavam de posse do governo alemão, o banco parcialmente nacionalizado na verdade pagou mais de € 3 bilhões em capital "excedente".

Alguns executivos acreditam que aumentar o capital é algo mais factível, mas os analistas não estão convencidos — o preço da ação do banco caiu além dos já deflacionados € 3,50 no começo de maio e estão hoje em metade desse valor. O grupo tem ativos que poderia vender. Ele precisa se desfazer de sua grande operação de financiamento imobiliário, a Eurohypo, até 2014 pelos termos de uma ajuda recebida da União Europeia. Mas não há compradores nesses mercados.

A única outro opção significativa seria um desinvestimento da unidade polonesa BRE, que gerou 13% dos lucros do grupo no primeiro semestre. Mas como esta operação representa um raro motor de crescimento, o Commerzbank reluta em vendê-la. Conforme uma fonte, "desalavancar provavelmente não será suficiente", de modo que é mais fácil imaginar mais uma rodada de injeção de dinheiro do governo. **FT**

HANNELORE FOERSTER/BLOOMBERG

Josef Ackermann, do Deutsche, estava decidido ontem a fazer de tudo para evitar a ajuda de capital estatal, que poderá envolver "uma grande redução do balanço"

Perda de alemães seria de 60% com Grécia

Aaron Kirchfeld, Oliver Suess e Nicholas Comfort
Bloomberg

Os bancos alemães estão se preparando para perder até 60% de sua exposição ao endividamento do governo grego, depois que autoridades europeias passaram a pressionar por maior envolvimento dos investidores privados em um socorro ao endividado país, disseram três pessoas a par do assunto.

Os bancos do país realizaram uma teleconferência nesta semana e os participantes discutiram prejuízos potenciais entre 50% e 60% em suas carteiras de títulos gregos, embora nenhum valor final tenha sido definido.

Josef Ackermann, executivo-chefe do Deutsche Bank AG, que liderou as negociações em julho, quando os bancos e seguradoras europeias aceitaram voluntariamente um prejuízo de aproximadamente 21%, disse que irá a Bruxelas na próxima semana para discutir um desconto maior. Jean-Claude Juncker, de Luxemburgo, que lidera o grupo de ministros das finanças da zona do euro, disse, por sua vez, que estão em andamento negociações com o Instituto de Finanças Internacionais, com sede em Washington e presidido por Ackermann, sobre o custo, para os investidores, de um segundo socorro à Grécia.

Os títulos gregos de 10 anos estão sendo negociados por cerca de 40% dp valor de face. Alguns credores alemães já remarcaram seus ativos gregos a preço de mercado, ao passo que credores que assumiram baixas contábeis menores poderão ter de aceitar prejuízos maiores.

Um envolvimento mais amplo do setor privado poderá fazer parte de um pacote maior da União Europeia destinado a conter a propagação da crise de dívida soberana. Uma reunião de cúpula dos líderes dos países do euro em 23 de outubro avizinha-se com o fim do prazo para um progresso no combate à crise, que levou a Grécia para mais perto de uma inadimplência, abalou os mercados em todo o mundo e enfraqueceu a confiança na sobrevivência da moeda comum a seus 17 países.

O presidente da Comissão Europeia, José Barroso, defendeu um reforço para os bancos atingidos pela crise, o pagamento de um sexto empréstimo à Grécia e maior rapidez na constituição de um fundo permanente de socorro para amenizar os problemas do endividamento europeu.

Os bancos podem ser obrigados a manter uma margem de capital de 9% para absorver riscos soberanos, acima dos 5% de proporção básica de capital Nível 1 assumidos nos testes de estresse.

Os ministros das Finanças europeus analisam um novo cronograma para que os bancos cumpram o marco regulatório de Basileia 3.

Para Santander e BBVA, risco é título espanhol

Miles Johnson
Financial Times

O Banco Santander, o maior banco da Europa em valor de mercado, não tem a vulnerabilidade de algumas instituições francesas e alemãs a uma grande perda com títulos de dívida de países da periferia do euro. Com €1,4 bilhão em títulos da dívida portuguesa, € 300 milhões em bônus italianos e uma exposição de € 200 milhões em títulos gregos, o Santander suportaria confortavelmente grandes perdas com esses títulos. No entanto, qualquer redução no valor de seu portfólio de € 24,2 bilhões em títulos de dívida do governo da Espanha seria muito mais grave.

Com base na metodologia dos testes de estresse realizados nos bancos europeus no terceiro trimestre, o Santander precisaria de menos de € 1 bilhão em capital novo se o nível mínimo da relação de capital "tier 1" para os bancos do continente fosse elevada para 9%.

Qualquer falta de capital seria parcialmente aliviada pelos € 7 bilhões em bônus conversíveis que serão convertidos no ano que vem.

Outras fontes de capital levantado sem a emissão de novas ações incluem os lucros retidos e os dividendos.

O Santander vem crescendo rapidamente no Reino Unido, no Brasil e em países emergentes da Europa. Participações em alguma dessas divisões poderiam até ser vendidas se necessário, mas uma planejada abertura de capital de sua divisão britânica poderá ser adiada até os mercados de acalmarem.

O BBVA, o segundo maior banco da Espanha em valor de mercado, foi considerado o banco de grande porte mais bem capitalizado da Europa, segundo os testes de estresse realizados no terceiro trimestre.

Com uma relação de capital "tier 1" de 9,2%, segundo os testes de estresse realizados pela European Banking Authority (EBA), o BBVA parece estar resistente.

No entanto, os testes da EBA não consideram possíveis perdas em grandes posições que o BBVA tem em títulos da dívida espanhola. Analistas do HSBC estimam que ele poderá ter uma perda de capital de até € 14 bilhões, com base em uma perda implícita de 16% com suas posições em títulos do governo da Espanha (Este cálculo é baseado em uma relação de capital "tier 1" de 10% sob as regras do Acordo da Basileia 3).

Ele tem € 30 bilhões em títulos de dívida da Espanha e € 4 bilhões em títulos do governo italiano. No fim do ano passado ele tinha insignificantes € 58 milhões em títulos da dívida portuguesa e nenhuma exposição à Grécia e à Irlanda.

Os bancos espanhóis estão tendo dificuldades para vender empréstimos domésticos e outras operações, mas no mercado a opinião é de que as operações do BBVA no México e sua participação no banco Garanti da Turquia são ativos atraentes. Todavia, ambas são importantes para a estratégia do BBVA de diversificação para além da Espanha, e portanto estariam entre os últimos a serem vendidos em caso de necessidade.

Italianos têm boa base de depósitos

Rachel Sanderson
Financial Times

Banqueiros experientes de Milão familiarizados com o UniCredit não descartam uma tentativa do banco de realizar uma emissão de direitos de subscrição antes do fim do ano, se o preço de sua ação refletir os sinais de otimismo dos investidores em relação ao andamento do acordo de resgate da União Europeia. O conselho de administração do UniCredit vai se reunir na próxima terça-feira e deverá discutir um aumento de capital. Analistas calculam que o banco precisa elevar seu capital "tier 1" em 150 pontos- base, igual a algo entre 5 bilhões e € 7 bilhões.

O banco é totalmente autofi-

do euro é insignificante.

Banqueiros e analistas afirmam que, em tese, o UniCredit poderia levantar recursos através de vendas de ativos, como suas operações em países do leste europeu. O presidente-executivo Federico Ghizzoni disse recentemente que um volume pequeno de até 30% das transações do banco é feito em agências, numa indicação de que ele poderia reduzir sua carteira de imóveis ou o número de funcionários, hoje em 160 mil.

Mesmo assim, na verdade essas vendas ficam difíceis com a disponibilidade pequena de compradores, segundo banqueiros. Em abril, o UniCredit desistiu de vender sua unidade de administração de ativos depois de procurar por um

mentou sua relação de capital "tier 1" para 10,2%.

Ele possui a maior exposição de um banco italiano a dívidas soberanas, de cerca de € 60 bilhões, com uma exposição mínima avaliada em 2% de seu portfólio de empréstimos a Portugal, Espanha, Irlanda e Grécia.

Em 29 de setembro, € 38 bilhões de suas colocações de médio e longo prazos e 95% de seus títulos com vencimentos em 2011 haviam sido cumpridos, dos quais € 15,3 bilhões no atacado. O Intesa é um banco totalmente autofinanciado com pouco mais de um depósito para cada empréstimo. O presidente-executivo Corrado Passera tem dito que sua rede de bancos no varejo é uma fonte estável de fi-

Franceses aceleram venda de negócios

Patrick Jenkins
Financial Times

Assim como outros bancos franceses, o BNP Paribas embarcou em uma estratégia de encolhimento para adequação aos padrões do Acordo da Basileia 3, prometendo chegar à exigência de uma relação de capital "tier 1" de mais de 9% até o fim de 2012, seis anos antes do prazo final estipulado.

Mas as autoridades europeias estão agora pressionando por um cronograma mais rígido, exigindo que os bancos alcancem a meta de 9% nos próximos seis a nove meses, sob a chamada medida 2.5 da Basileia — um meio termo entre o velho e o novo re-

soberana da Itália, poderá fazer do BNP um dos bancos mais duramente atingidos, com um déficit de até € 15 bilhões.

A resposta do BNP é que isso simplesmente vai acelerar a venda de ativos considerados não essenciais. Ele vem insistindo que não haverá grandes vendas, como a do Bank West, sua subsidiária americana, mas também observa que terá de abandonar certas linhas de negócios. Isso poderá incluir a venda de subsidiárias ou portfólios fora da Europa. Ele está determinado a não aumentar o capital nas condições deprimidas do mercado.

O Société Générale saiu na frente ao reduzir seu balanço nos últimos meses, levado a isso pela

nas dois meses, sem nenhum impacto sobre a conta de lucros e perdas. Sob o presidente-executivo Frederic Oudéa, o SocGen tem certeza de que continuará conseguindo resolver qualquer déficit de capital identificado pelas autoridades reguladoras, continuando no caminho em que está, em vez de buscar capital novo. Suas operações nos Estados Unidos estão sendo desativadas, haverá uma "redução direcionada" em várias atividades de banco de investimentos e o banco sairá de negócios "com baixo potencial de venda cruzada". Críticos afirmam que o SocGen tornou sua vida mais difícil por não ter conseguido antecipar as pressões do momento. Seus ativos

Protected by NewspaperDirect +1 (877) 800 4000 (Intnl. +800 8564 4564) PROTECTED BY APPLICABLE LAW